

Os impactos no imaginário da representação midiática de corpos encarcerados no país¹

Lúisa de Souza Barboza²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este trabalho explora a interseção entre mídia, imagem e imaginário, especialmente no contexto dos corpos encarcerados no Brasil. Ele destaca o papel fundamental da mídia na formação de representações sociais e na influência das opiniões e comportamentos do público. A pesquisa se concentra no Massacre do Carandiru como um marco histórico, analisando suas repercussões ao longo de mais de três décadas. Ao investigar a cobertura jornalística desde 1992 até 2024, o estudo busca compreender como as representações midiáticas moldaram a percepção pública e influenciaram a política e a vida dos detentos. A metodologia inclui uma abordagem multidisciplinar, combinando métodos qualitativos, revisão bibliográfica e análise crítica das representações midiáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; imagem; imaginário; corpos encarcerados; Massacre do Carandiru.

A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NO IMAGINÁRIO DO SISTEMA CARCERÁRIO

A relação entre mídia, imagem e imaginário desempenha um papel fundamental na construção de representações sociais e na formação das opiniões e comportamentos de suas audiências. No contexto específico dos corpos encarcerados no Brasil, essa relação ganha ainda mais relevância, dada a complexidade e os desafios do sistema prisional do país, como destacado pelas crises sucessivas no sistema prisional brasileiro.

Segundo relatório do CNJ de 2021, 36% das imagens de notícias de crimes foram utilizadas para identificar o acusado, mas apenas 33% das matérias analisadas pelo relatório ouviram mais de uma fonte. Além disso, 25,1% das notícias não ouviram ou não especificaram quais fontes foram ouvidas. Destaca-se ainda que grande parte das fontes são oficiais. Segundo Nilson Lage (2005, p. 27), existe uma aceitação do discurso

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano-UFF, email: souzaluisa@id.uff.br

oficial enquanto dotado de maior credibilidade, no entanto, o jornalista aponta para a possibilidade de falseamento da realidade nos discursos das fontes oficiais, considerando um mau hábito a confiabilidade automática nessas fontes.

Com objetivo de compreender as práticas jornalísticas e aprofundar debates sobre o tema, o trabalho se concentra no marco histórico do Massacre do Carandiru, que resultou na morte de 111 detentos em uma ação policial no Pavilhão 9 do Complexo Penitenciário do Carandiru, em São Paulo, e seus desdobramentos, passados mais de 30 anos do ocorrido. Esse evento marca um ponto de inflexão na história brasileira, tornando-se objeto de análise interdisciplinar sob perspectivas jurídicas, psicológicas, midiáticas e políticas. Busca-se compreender os impactos do imaginário midiático na construção do pensamento coletivo, da opinião pública, das políticas públicas, e, por conseguinte, da vida dos detentos.

A análise temporalmente circunscrita entre 1992 e 2024, propõe-se a narrar a história do Carandiru e suas vítimas. Esta abordagem não apenas visa preservar a memória desses eventos cruciais, mas também pretende compreender as continuidades implicadas na economia punitiva no Brasil e sua relação com a Comunicação, sobretudo, as mídias e o jornalismo. Para alcançar esses objetivos, realiza-se uma revisão abrangente da cobertura jornalística em jornais impressos como o Estadão, Folha de São Paulo e O Globo, e plataformas e hemerotecas digitais a fim de resgatar e mapear os usos midiáticos no que se refere a representações e imaginários que fomenta

Figura 1 — Página de jornal do dia 3 de outubro de 1992



Fonte: Acervo Folha de São Paulo

O fazer jornalístico é atravessado pela identificação e contextualização dos valores noticiosos com o público, ou seja, necessita de compartilhamento de significados que seja comum a produtores e receptores a fim de que faça sentido. O estabelecimento da verossimilhança é fundamental para que se organizem os acontecimentos em notícia.

Um acontecimento só faz sentido se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. [...] As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. (HALL et al., 1999)

Desta forma, os acontecimentos estão inseridos nos mapas culturais que formam uma rede de significados. A produção jornalística não apenas apresenta uma notícia, mas também traz consigo prescrições, uma vez que o consumo destas está baseado no reconhecimento de sentidos. Hall et al. (1999) salienta a respeito do papel dos media na definição dos acontecimentos significativos e de suas interpretações acerca da forma de compreendê-los. E sobre como tal é responsável por criar orientações relativas aos acontecimentos e pessoas ou grupos envolvidos.

Estas condutas e estes “estereótipos” estão presentes cotidianamente nas narrativas visuais que são publicadas nas grandes mídias. E, a criação de narrativas com base em imagens está estreitamente atrelada à confiabilidade dessas imagens e à forma como se relacionam com a realidade, muitas vezes exigindo uma análise minuciosa para uma compreensão completa desse elo.

À luz da fotografia, o imaginário do cárcere e sua construção visual fomentam o processo de desumanização ao reforçar estereótipos e estigmas sociais. O enviesamento simplista difundido pelos jornais corrobora a criação de um arcabouço do sistema prisional baseado no medo, na exclusão e na marginalização. Ao considerar a fotografia de imprensa enquanto uma mensagem — em que sua totalidade é construída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor (BARTHES, 1961) — observa-se que as dinâmicas estabelecidas entre os elementos que constituem a mensagem interferem em sua interpretação.

A fonte emissora é a redação do jornal, o grupo de técnicos, dentre os quais uns batem a foto, outros a escolhem, a compõem, a tratam, e outros enfim a intitulam, preparam uma legenda para ela e a comentam. O meio receptor é o

público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal [...] pois este nome constitui um saber que pode fazer infletir fortemente a leitura da mensagem propriamente dita: uma foto pode mudar de sentido ao passar de l'Aurore para l'Humanité (BARTHES, 2000 [1961]).

Além desse contexto, adentrando no contexto digital, as fotografias, mesmo se distanciando do conceito tradicional de representação da realidade, perpetuam uma ilusão de ótica constante da realidade como uma construção flexível e passível de manipulação, em que a interpretação das imagens pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo o contexto de sua criação, o viés do observador e os objetivos comunicacionais subjacentes (PUCARELLI, 2022, p. 17).

As imagens-fotográficas em suporte de tecnologia digital são construções visuais que se localizam num espaço de criação diferenciado do que o senso comum imagina ao pensar em uma fotografia. Se elas, por um lado, não retratam mais a realidade objetiva à frente da câmera; por outro, tampouco são resultantes de algum tipo de abstracionismo [...] Qualquer imagem-fotográfica digital encontra-se numa linha tênue entre a realidade e a fantasia, por estar, ao mesmo tempo, tangenciando um suposto real, e alimentando a imaginação do espectador/a dentro dos limites de seu campo cultural.

É evidente que as mudanças do processo de comunicação no contexto da sociedade informacional afetam a organização da economia, da cultura e das relações que decorrem da ramificação da produção, do processamento e da disseminação da informação, inclusive, por meio de imagens. Esse novo contexto, apesar das particularidades oriundas do momento sócio-histórico em que se insere — e merece análise aprofundada de sua idiossincrasia e encadeamentos — permite ratificar que o uso da imagem ainda desempenha um papel fundamental na troca de informações e como a mensagem é recebida e interpretada pelo público.

Apesar de reconhecer a complexidade do universo jornalístico, este trabalho questiona o fato de que, mesmo diante das divergências existentes e da retórica profissional, que preza pela máxima de ouvir os dois lados, pode ocultar as similaridades de seus produtos fundamentados nos mapas culturais compartilhados.-Ao examinar as construções midiáticas e representações imagéticas dos indivíduos em situação de encarceramento, o trabalho se propõe a desvendar os impactos do imaginário midiático na formação da opinião pública, no desenvolvimento de políticas públicas e, por conseguinte, na realidade dos detentos.

Figura 2 — Corredor ensanguentado no Pavilhão 9 no dia do Massacre



Foto: Niels Andreas/Folhapress

A metodologia é composta por uma abordagem multidisciplinar, integrando métodos qualitativos e análises críticas. Inicialmente, realizaremos estudos teóricos aprofundados por meio de revisão bibliográfica, explorando as correntes conceituais relevantes. Essa etapa é fundamental para estabelecer uma base sólida de compreensão dos temas centrais do imaginário midiático, produção de imagens e suas interações com as representações dos corpos encarcerados.

Dessa forma, a pesquisa teórica fornecerá o arcabouço conceitual necessário para fundamentar a análise crítica das representações midiáticas, utilizando a análise de conteúdo como ferramenta metodológica a partir dos estudos de Barthes (1961) e Hall (1999). Essa abordagem visa identificar os elementos simbólicos e narrativos presentes na construção dessas representações. Além disso, o estudo inclui uma pesquisa de campo com entrevistas a sobreviventes e pesquisadores para aprofundar a compreensão das dinâmicas midiáticas e da desumanização da população encarcerada no Brasil.

A análise combinada das fontes teóricas e das entrevistas enriquecerá nossa compreensão das complexas relações entre mídia, imagem e imaginário em relação aos corpos encarcerados. Destaca-se a investigação da influência da mídia na formação de opiniões e comportamentos em relação aos presos no Brasil, considerando as demandas

sociais e a problemática do sistema prisional. Através da revisão bibliográfica e da análise de produções jornalísticas, busca-se compreender as dinâmicas envolvidas na representação dos corpos encarcerados e no universo prisional, levando em consideração as demandas sociais e a problemática das prisões no país.

Os resultados alcançados até o momento indicam a continuidade de publicações e imagens que alimentam o preconceito e a estigmatização dos corpos encarcerados, perpetuando o processo de desumanização na esfera midiática. A suposição central de que essas representações persistem ao longo do tempo é um dos fundamentos deste estudo, e os resultados esperados incluem a confirmação dessa tendência. Além de examinar e mapear essas práticas, a abordagem crítica visa compreender as implicações na formação da opinião pública e seus atravessamentos na sociedade a fim de entender novas perspectivas para a produção jornalística acerca da população encarcerada. Reconhecemos que as soluções e os caminhos específicos ainda estão em fase de análise e serão desenvolvidos ao longo da pesquisa.

Nesse sentido, este trabalho contribui para ampliar o debate e enfatizar a importância da informação, da amplitude e da responsabilidade social como deveres do bom jornalismo na resolução desses problemas. Compreender o fenômeno da representação dos corpos encarcerados é um desafio importante para o jornalismo, pois as narrativas, os imaginários e as imagens produzidas têm um impacto significativo sobre a sociedade.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: O 'Mugging' nos Media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2ª ed. Lisboa: Vega, 1999, p. 224-248.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PUCARELLI, Michele. Veracidade e credibilidade na fotografia documental contemporânea. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 10, n. 23, p. e 02/2011, 2022. DOI: 10.22484/2318-5694.2022v10id5025. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/5025>. Acesso em: 12 de abr. 2023.